

A IDENTIFICAÇÃO DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO (AH/SD) NO ÂMBITO ESCOLAR

THE IDENTIFICATION GIFTEDNESS IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Aline Russo da SILVA¹

Renata Vanin da LUZ²

Tatiane NEGRINI³

RESUMO: a Organização Mundial de Saúde estima que de 5% a 8% da população apresenta características de Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD). No entanto, ainda se percebe a invisibilidade deste público nos espaços educacionais. Este artigo refere-se a uma pesquisa qualitativa e bibliográfica realizada a partir dos escritos da Teoria dos três anéis, proposta por Joseph Renzulli, e das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner, tendo como problema central da pesquisa a necessidade da sensibilização dos professores a partir de espaços formativos, com o objetivo de esclarecer sobre os indicadores de AH/SD visando a identificação deste público no âmbito escolar. Sabe-se que a partir da identificação de um estudante com AH/SD é necessária a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e o enriquecimento curricular previsto na legislação brasileira. Os resultados sinalizam a necessidade em promover espaços de formação que contemplem desde as características cognitivas, emocionais, sociais desses estudantes até a oferta dos atendimentos. A sensibilização e o conhecimento dos professores poderão tirar da invisibilidade estudantes que se sentem deslocados na escola, resgatando possíveis potências para o desenvolvimento humano.

PALAVRAS-CHAVE: Altas Habilidades. Superdotação. Formação de professores.

ABSTRACT: The World Health Organization estimates that 5% to 8% of the population has characteristics of High Abilities/Giftedness (HA/G). However, the invisibility of this public in educational spaces is still perceived. This article presents a qualitative and bibliographic research based on the writings of the Three Rings Theory, proposed by Joseph Renzulli, and the Multiple Intelligences, by Howard Gardner. The main problem of the research is the need to raise the awareness of teachers through training courses, in order to clarify the indicators of AH/SD, aiming at the identification of this public in the school environment. It is known that once a student with HA/G is identified, it is necessary to offer Specialized Educational Services (SES) and the curriculum enrichment foreseen in the Brazilian Legislation. The results indicate the need to promote training spaces that contemplate from the cognitive, emotional and social characteristics of these students to the offer of care. The sensitization and knowledge of teachers can remove from invisibility students who feel displaced at school, rescuing possible potentials for human development.

KEYWORDS: High abilities. Giftedness. Educational training.

¹ Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional. Professora do Atendimento Educacional Especializado para Altas Habilidades/Superdotação do Município de Porto Alegre/RS. E-mail:alinerussosir@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2864-0053>

² Psicopedagoga. Professora do Atendimento Educacional Especializado para Altas Habilidades/Superdotação do Município de Porto Alegre/RS. E-mail: reluzpp@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3165-0383>

³ Doutora em Educação. Professora Adjunta do Departamento de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. E-mail: tatianenegrini@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6394-5365>

<https://doi.org/10.36311/2358-8845.2023.v10n1.p27-40>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

INTRODUÇÃO

A identificação e o atendimento dos estudantes com altas habilidades/superdotação (AH/SD) no Brasil apresenta números ainda muito distantes da realidade sugerida pelas pesquisas na área da Inclusão. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que de 5% a 8% da população externaliza características de AH/SD. Os dados do Censo Escolar de 2018 nos informam que há um total de 48.455.867 estudantes matriculados na educação básica do Brasil. Se for realizada a conta de acordo com a estimativa da OMS, teríamos aproximadamente um total de 2.422.793 estudantes identificados nas escolas com AH/SD. No entanto, os números atualizados do Censo de 2018 mostram que o total de estudantes cadastrados é de apenas 22.161 (INEP, 2019), absolutamente aquém dos quase dois milhões estimados.

Estes dados mobilizam a pensar sobre como tirar da invisibilidade estes estudantes, e um passo importante é a sensibilização dos professores para a observação dos indicadores de AH/SD nos alunos, para oferecer uma avaliação e atendimento mais adequado às necessidades inscritas no âmbito escolar.

Sabe-se que a educação dos sujeitos com AH/SD é marcada por ideias errôneas, e que na literatura da área referem-se como mitos da superdotação (WINNER, 1998). Alguns desses mitos passam pela fantasia de que esses sujeitos são supergênios, ou ainda que pouco precisam de intervenção para terem sucesso acadêmico, também podem ser vistos como “esquitos, impertinentes” etc. Todos esses mitos somados à falta de informações, poucos profissionais capacitados na área e a prioridade da escola em atender dificuldades, transtornos, deficiências, culminam em números que não condizem com as estimativas, e resultam em estudantes sem garantia de seus direitos.

Uma das possibilidades de reverter este quadro é a formação de professores no âmbito escolar, na busca pela visão diferenciada quanto ao desenvolvimento das aprendizagens dos estudantes com características de AH/SD. Como cita Virgolim (2007, p. 57), “[a] principal meta na identificação de alunos superdotados [...] é a localização de potenciais que não estão sendo suficientemente desenvolvidos ou desafiados pelo ensino regular.” Partindo do olhar do professor, o estudante com características de AH/SD poderá ser encaminhado para a Sala de Recursos ou para outros profissionais qualificados para realizar a investigação para AH/SD. Havendo a confirmação, o atendimento educacional especializado e o enriquecimento curricular, estarão garantidos.

Neste artigo é proposta uma reflexão sobre a formação dos professores com foco na sensibilização para os indicadores de AH/SD, a partir da teoria dos três anéis de Joseph Renzulli e das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner. Pretende-se instrumentalizar o professor de sala de aula para que consiga ter a capacidade de olhar seus alunos, a fim de perceber o desenvolvimento diferenciado em algum aspecto da aprendizagem. Essa sensibilização irá perpassar todas as etapas que envolvem este processo de avaliação/investigação, identificação, atendimento e enriquecimento curricular.

Levando em consideração que o ponto de partida para a avaliação e identificação das AH/SD parte da observação e investigação dos professores aos indicadores dos alunos, se faz necessário provocar os docentes na exploração e análise de propostas educacionais que favoreçam a visualização destes indicadores no cotidiano escolar. Quanto mais diversificada a metodologia e as estratégias de ensino, mais possibilidades de tirar da invisibilidade estudantes com enorme potencial, que muitas vezes estão com desempenhos aquém do que verdadeiramente seriam capazes.

Quando se inicia o processo de identificação dos sujeitos na escola, é o professor na sala de aula quem realiza o preenchimento dos instrumentos iniciais de verificação. Portanto, este deve ter um olhar sensibilizado para o tema e estar aberto para enxergar o estudante sob diferentes pontos de vista. Segundo Farias e Wechsler (2014) ocorre uma dificuldade no Brasil em relação à identificação.

Observa-se, portanto, uma dificuldade de identificar talentos na realidade brasileira, pois os professores se deparam com imensas falhas educacionais. Tanto nas escolas públicas quanto nas particulares, por vezes, os professores sentem-se desorientados, não sabem como atender e ajudar a desenvolver as capacidades específicas de cada aluno. Abandonados nas salas de aulas, sem apoio nem orientação coerentes com suas necessidades, esses alunos podem seguir caminhos não virtuosos, problemáticos, o que pode causar também a dificuldade de aprendizagem e /ou problemas de comportamento (FARIAS; WECHSLER, 2014, p. 335).

Essa dificuldade em encontrar talentos se reforça pela visão limitada em focar naquilo que o sujeito não consegue, suas impossibilidades e limitações, fazendo com que os holofotes estejam para os estudantes com deficiências, transtornos e dificuldades de aprendizagem. A visão de escola inclusiva, às vezes, se fixa em identificar e atender de modo superficial. Ampliando a discussão inclusive para os casos de estudantes com dupla condição, que são aqueles que podem apresentar AH/SD e uma outra condição, como deficiências, transtornos etc, de forma combinada.

Não é fácil verificar os indicadores de AH/SD em um sujeito, pois, como citado anteriormente, o que prepondera em relação a esta condição normalmente são os mitos que envolvem o tema. Portanto, é preciso saber que este estudante apontado com indicadores de AH/SD não necessariamente será o melhor da turma, com notas altas, com comportamento exemplar. Como pontuam Farias e Wechsler (2014), este sujeito pode não seguir caminhos virtuosos, voltando a ideia da necessidade de investimentos nas escolas, sejam públicas ou privadas, com a formação de seus professores para que haja identificação e atendimento adequado ao público com Altas habilidades/Superdotação.

Sendo assim, por meio de uma revisão bibliográfica, este artigo propõe-se a fomentar reflexões acerca da formação de professores na busca por um olhar sensível aos estudantes com indicadores de AH/SD, bem como possíveis encaminhamentos para este tipo de atendimento. A escrita foi sistematizada partindo de algumas considerações sobre a nomenclatura das AH/SD, apresentando alguns conceitos e características possíveis a serem observadas nos estudantes com AH/SD. Posterior a isso, serão descritas informações a respeito da formação de professores com o objetivo de sensibilizar o olhar para os estudantes de forma que favoreça a identificação dos mesmos. Por fim, serão apresentados dados referentes ao funcionamento do Atendimento Educacional Especializado e o Enriquecimento Curricular voltado para estudantes com AH/SD, a partir do trabalho realizado na Rede Municipal de Porto Alegre.

MÉTODOS

Uma pesquisa é uma tentativa de aproximar-se de práticas cada vez mais significativas e inclusivas, sempre é um ressignificar profissional e pessoal. A escrita deste artigo foi fundamentada na metodologia qualitativa de caráter bibliográfico. A escolha da pesquisa qualitativa leva em consideração a essência desta tipologia, que é de compreender e aprofundar os fenômenos, explorando a partir da perspectiva dos participantes, sempre relacionando ao contexto. Essa compreensão

da perspectiva dos participantes em relação aos fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados, a forma como eles percebem subjetivamente a sua realidade (SAMPIERI, 2013).

Quanto à pesquisa bibliográfica, para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Na elaboração deste artigo selecionou-se artigos científicos, livros e legislação que considera-se pertinentes ao tema discutido, não observando algum tipo de seleção específica.

SOBRE A NOMENCLATURA

Antes de adentrarmos na discussão central, será realizado um aparte para esclarecer brevemente sobre a nomenclatura utilizada. Optou-se por nomear de *Altas habilidades/ Superdotação* (grifo nosso) por ser esta a terminologia utilizada na Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), na qual define-se estudantes com AH/SD aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotora, artes e criatividade. Prevendo também algumas garantias de atendimento para estes estudantes, porém, como referem Brancher e Freitas (2011, p. 49):

Não há um termo de consenso que nomeie as pessoas com altas habilidades/superdotação, no Brasil. Esses sujeitos são referidos como superdotados, bem dotados, mais dotados, dotados, com potencial superior, talentosos, altas habilidades, dentre outros (BRANCHE; FREITAS, 2011, p. 49).

A partir da Lei nº 12.796 de 2013 (BRASIL, 2013), que altera a nomenclatura passando a ser *Altas habilidades ou Superdotação* (grifo nosso), alguns autores começaram a fazer uso a partir desta atualização, mas outros seguem utilizando Altas habilidades/Superdotação. Nesse artigo optou-se pela utilização da terminologia Altas habilidades/Superdotação por entender que ela descreve de maneira mais adequada o público, entendendo que estes conceitos são sinônimos. No entanto, conforme a referência teórica utilizada o termo pode se apresentar com outras grafias.

CONCEITO E CARACTERÍSTICAS INDICADORAS DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: O QUE OBSERVAR NOS ESTUDANTES EM SALA DE AULA?

Para falar sobre o conceito de AH/SD, é preciso entender o conceito de inteligência. Muitos pesquisadores estudam a inteligência e diversos são os conceitos preconizados, porém por escolha teórico-metodológico será abordado o conceito de Howard Gardner, que apresenta a teoria das Inteligências Múltiplas.

Este é um conceito muito apreciado no Brasil por sua aplicação prática nas escolas. Segundo Gardner (1995, p. 21), a inteligência:

[...] implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. A capacidade de resolver problemas permite à pessoa abordar uma situação em que um objetivo deve ser atingido e localizar a solução adequada para esse objetivo (Gardner 1995, p. 2).

Na teoria das Inteligências Múltiplas (GARDNER, 1995), foram descritas oito inteligências a partir de estudo, sendo elas: inteligência linguística; lógico-matemática; espacial; musical; corporal ou cinestésica; interpessoal; intrapessoal; naturalista. Na abordagem do autor, as inteligências são independentes, podendo apresentar-se em níveis diferentes, conforme a referência:

Não se pressupõe que todos os alunos superdotados e/ou com altas habilidades apresentam todas essas características. Quando as apresentam isso não se dá, necessariamente em simultaneidade e no mesmo nível. [...] Alunos podem ter desempenho expressivo em algumas áreas, médio ou baixo em outras, dependendo do tipo de alta habilidade/superdotação. (Brasil, 2006, p. 14)

Em sincronia com este conceito das Inteligências Múltiplas, aponta-se a teoria de Joseph Renzulli e sua concepção de AH/SD. Segundo o autor, as AH/SD podem ser caracterizadas pela interseção de três anéis, que são habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade.

O comportamento superdotado consiste em pensamentos e ações resultantes de uma interação entre os três grupos básicos de traços humanos: habilidades gerais e/ou específicas acima da média, altos níveis de comprometimento com a tarefa e altos níveis de criatividade. Crianças que manifestam ou são capazes de desenvolver uma interação entre os três grupos requerem uma ampla variedade de oportunidades educacionais, de recursos e de encorajamento acima e além daqueles providos ordinariamente por meio de programas regulares de instrução. (RENZULLI, 2014, p. 246)

Algumas características levantadas por Fleith (2007) são colocadas como comuns aos superdotados, como curiosidade intelectual, aprendizagem rápida, alto nível de energia, a preferência por amigos mais velhos e a precocidade na aquisição do conhecimento em alguma área, considerando por exemplo, leitura precoce, aquisição da fala, caminhar precoce são importantes indicadores para que possamos observar os estudantes no seu desenvolvimento.

Para haver AH/SD é necessário a interação entre habilidades superiores, criatividade e envolvimento, aplicando estes três componentes às diferentes áreas de realização reconhecidas socialmente (acadêmica, social, artística, desportiva, etc).

A partir da visão de Renzulli (2014), a habilidade acima da média pode ser compreendida por habilidades gerais e específicas, sendo a primeira ligada a capacidade de utilizar o pensamento abstrato ao processar informações e integrar vivências de aprendizagens que resultam em respostas adequadas e flexíveis. Podem ser analisadas a partir de testes de aptidão e de inteligência, como raciocínio verbal e numérico, memória etc. Lembrando que alguns destes testes só podem ser aplicados por psicólogos e o nosso foco no espaço escolar é pedagógico. Neste contexto, os instrumentos utilizados são os permitidos apenas para uso na área da educação e, quando possível, ocorre a interlocução entre outros profissionais. Importante pensar que na organização do currículo e formas de avaliação, muitas vezes os resultados são em notas e conceitos, dando destaque aos estudantes com melhores desempenhos acadêmicos.

O segundo item é o Envolvimento com a Tarefa, que está ligado à dedicação que o indivíduo investe na sua produção ou área específica do conhecimento. Pode ser observado pela persistência, desejo de aperfeiçoamento das suas produções, paciência, capacidade de dedicar horas do seu dia realizando uma tarefa do seu interesse e desejo pela perfeição. Essa capacidade é claramente observada em estudantes com características do tipo produtivo-criativo.

Por fim, temos Criatividade, que está sendo considerada umas das capacidades mais importantes para a humanidade no futuro. É observada em personalidades que se destacam em alguma área do conhecimento pela inovação, autenticidade e originalidade. É um desafio muito grande medir a criatividade por meio de testagens e protocolos, por isso a importância da avaliação processual, dados da biografia, relatos de professores e familiares que observam as produções deste estudante como diferenciadas e originais.

A fim de facilitar o professor de sala de aula o refinamento de seu olhar em relação aos seus estudantes, e visando a identificação dos sujeitos com AH/SD, a seguir é apresentada uma seleção de indicadores relacionados a cada anel da definição da Teoria dos Três Anéis, de Renzulli. Segundo Pérez e Freitas (2016) alguns indicadores de habilidade acima da média são: vocabulário rico e avançado em relação aos pares; capacidade analítica e indutiva muito desenvolvida; memória destacada; muitas informações sobre o tema de interesse; ser adaptável a novas situações; aprendizagem rápida em relação aos seus interesses. As autoras ainda referenciam como indicadores relacionados ao anel da criatividade as seguintes características: extrema curiosidade; ideias vistas como diferentes ou esquisitas; imaginação e inventividade; gosto pelo desafio, realização de perguntas provocativas, que exploram outras dimensões não percebidas. Em relação ao comprometimento com a tarefa outros indicadores são mencionados pelas autoras, são alguns deles: é muito seguro de suas convicções; deixa de realizar outras atividades para envolver-se em atividades que lhe interessam; tem organização própria; dedica muito tempo e energia a algum tema ou atividade que gosta ou lhe interessa; é muito exigente e crítico consigo mesmo.

Para isso, a teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1995) ajuda a compreender melhor como estas áreas desenvolvem-se e relacionam-se com a aprendizagem:

Uma das teorias de inteligência mais conhecidas e que vem influenciando a discussão a respeito do superdotado é a teoria das múltiplas inteligências, proposta por Gardner (1983). Em sua formulação original, essa teoria inclui sete inteligências distintas, a saber: Linguística, exibida com maior intensidade por escritores, poetas e advogados. Musical que pode ser identificada em atividades de cantar, compor, apreciar música e tocar instrumentos musicais. Lógico-matemática, expressa em atividades de matemáticos e cientistas, caracterizando-se pela facilidade de raciocínio, reconhecimento e solução de problemas lógico-matemáticos. Espacial, apresentada por jogadores de xadrez, navegadores, pilotos de avião, arquitetos e engenheiros. Sinestésica, exibida especialmente na dança, artes dramáticas, esportes e nas atividades de cirurgias. Interpessoal, que se traduz por maior habilidade em compreender e responder adequadamente às motivações, emoções e ações de outras pessoas. Intrapessoal, que se traduz por uma melhor compreensão de si mesmo, de estados emocionais, sentimentos e ideias pessoais. Segundo esta teoria, um alto nível de habilidade em uma inteligência não significa elevado nível em outra inteligência. (BRASIL, 2007, p. 19-20).

Destaca-se a última frase na qual diz que um alto nível de habilidade em uma inteligência não significa elevado nível em outra, ou seja, um estudante com AH/SD poderá apresentar seu potencial em uma ou mais áreas, podendo ter um funcionamento mediano ou até dificuldades em outras áreas do conhecimento. Desmistificando a ideia de super gênios e até mesmo do “aluno perfeito, prodígio”. Esses rótulos atingem emocionalmente os estudantes, e provocam conflitos internos que levam à baixa produtividade, excesso de cobranças ou à negação de suas potencialidades.

É importante ressaltar que os três traços apontados acima, i) habilidade acima da média, ii) envolvimento com a tarefa e iii) criatividade, cujas características foram explicitadas e que são características gerais mais comuns das pessoas com AH/SD, sofrem influência de fatores ambientais

e de personalidade desses sujeitos, portanto não devem ser entendidos como um checklist, como já foi dito anteriormente, sendo que estes fatores podem influenciar a identificação dos indicadores de AH/SD.

Quando esses três traços interagem de forma dinâmica, o sujeito é capaz de produzir conhecimento e demonstrar seu talento através das suas produções. E um dos espaços mais importantes para o desenvolvimento desses potenciais é, sem dúvidas, o espaço escolar, por ser da escola a tarefa de semear o que Virgolim (2021) chama de terreno fértil. Entendendo que é preciso promover o desenvolvimento das crianças AH/SD a partir de sistemas de apoio para ajudá-las a aceitar suas habilidades. Incluem-se como sistemas de apoio programas educacionais apropriados, como por exemplo o AEE, que é umas das ações educacionais possíveis e que visa promover a efetiva inclusão desses sujeitos a partir de propostas de adaptação e enriquecimentos curriculares.

Este é mais um dos inúmeros desafios da escola, mas não menos importante, e merece estudo, aperfeiçoamento e capacitação docente que provoque a análise do currículo escolar, das metodologias, dos instrumentos de avaliação, bem como a educação inclusiva como um todo.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM OLHAR SENSÍVEL PARA AS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Observa-se que as formações e aperfeiçoamento na área da educação inclusiva ainda, em sua maioria, são voltadas para as deficiências e transtornos. No entanto as Altas habilidades/Superdotação também são público alvo da Educação Especial, conforme a legislação brasileira. Destaca-se então a Resolução nº 04 de 2009, que Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial, artigo 4º, em seu parágrafo terceiro onde aponta os alunos com altas habilidades/superdotação como aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas e garante então o AEE para esse público alvo.

Legislações no âmbito municipal também estão avançando na garantia de direitos, como exemplo, aponta-se a Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre, que em dezembro de 2020 aprovou a criação do Projeto de Lei Municipal de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e o atendimento especializado aos estudantes identificados com Altas habilidades e Superdotação. Conforme artigo publicado no sítio eletrônico da Câmara, no mês da apresentação do Projeto de Lei:

O objeto da Política Municipal de Educação Especial, conforme descrito no projeto de lei, estabelece a disponibilização do acesso, da permanência, da participação e da aprendizagem com qualidade aos estudantes com altas habilidades e superdotação em turmas regulares. Ficará facultado ao Município desenvolver ações para identificação precoce das altas habilidades e da superdotação; incentivar a realização de pesquisa e projetos estratégicos destinados aos estudos das altas habilidades e da superdotação; e estimular a formação e a qualificação continuada dos professores e profissionais que compõem a rede municipal de atendimento especializado; entre outros itens (PORTO ALEGRE, 2020, p.1).

Legislações como essa incentivam o olhar sobre estudantes que, até então, tinham o direito ao atendimento diferenciado, mas não tinham a garantia deste suporte. Assim como fomentam a formação continuada aos professores e outros profissionais na área da educação. Nesta

seção serão propostas algumas reflexões sobre a oferta dessas formações com foco na identificação e atendimento deste público.

Ao acompanhar histórias de estudantes identificados, é comum perceber que a investigação iniciou a partir do olhar e da percepção familiar, e não da escola. Essa análise de características que a família vai acompanhando e leva para a escola como um questionamento ou como necessidade de um olhar especial para o estudante, muitas vezes pode ser mal interpretada por professores ou coordenadores. Por vezes por falta de informação ou por crença de que o estudante está se desenvolvendo bem, já que apresenta muitas vezes resultados positivos, no caso do tipo acadêmico principalmente. Esses primeiros estágios de investigação são imprescindíveis para o desenvolvimento do trabalho.

A começar pela identificação: a escola, no mais das vezes, não identifica um talento; um aluno superdotado. Na grande maioria das vezes, a percepção de que a criança se destaca além de seus pares, vem dos pais. Se eles que percebem a grande curiosidade da criança, o poder da observação, a excelente memória, as analogias, o raciocínio rápido, a facilidade de aprender, enfim a maior parte das características de uma criança superdotada. [...] No mais das vezes, a reação da escola é: nenhuma ou a de negar a condição. A escola não se importa ou não dá credibilidade se a criança é superdotada ou não. Ainda mais se ela for do tipo acadêmico, pois significa menos uma preocupação para a professora em transmitir o conhecimento para o aluno. [...] O aluno superdotado precisa de muitas coisas. Precisa do apoio em reconhecê-lo como tal. Ele sabe que é e pensa diferente. Então, a constatação, da sua condição de superdotado, vai ajudá-lo a perceber o porquê e onde ele é diferente e o que representa essa diferença, no seu dia-a-dia (HAKIN, 2016, p. 17).

Hakin (2016) aponta fraturas e falhas significativas na visão da escola com relação ao estudante com AH/SD e denuncia a urgência na sensibilização para uma verdadeira educação inclusiva, que parta da necessidade educacional e não de conceitos finais e notas. Essa mudança inicia a partir de uma formação dos professores que contemple as características deste público, os passos para investigação, os possíveis encaminhamentos, o atendimento educacional especializado e o enriquecimento curricular. Não esquecendo da família, pois em muitos desses casos são criadas situações de descrédito com relação à escola, enfraquecendo a figura da instituição perante os estudantes, gerando a desmotivação e até mesmo o abandono escolar.

Uma das primeiras dúvidas que surge é quem diagnostica Altas Habilidades/Superdotação? Qual documento comprova essa condição? A nota técnica nº 04/ 2014/MEC/SECADI/DPEE sinaliza algumas orientações quanto aos documentos comprobatórios para o acesso ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Censo Escolar:

[p]ara realizar o AEE, cabe ao professor que atua nesta área, elaborar o Plano de Atendimento Educacional Especializado – Plano de AEE. [...] Neste liame não se pode considerar imprescindível a apresentação de laudo médico (diagnóstico clínico) por parte do aluno com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, uma vez que o AEE caracteriza-se por atendimento pedagógico e não clínico. [...] Por isso, não se trata de documento obrigatório, mas, complementar, quando a escola julgar necessário. O importante é que o direito das pessoas com deficiência à educação não poderá ser cerceado pela exigência de laudo médico (/MEC/SECADI/DPEE, 2014, p. 3).

Ao entender que a visão com relação aos estudantes precisa ser pedagógica, abre-se maiores possibilidades de pensar a prática inclusiva, afastando-se da ideia de laudos, diagnósticos e aproximando-se daquilo que é de responsabilidade pedagógica da escola.

O olhar do professor em sala de aula é fundamental para iniciar o processo de investigação para AH/SD. Pérez e Freitas (2016) elaboraram o Manual de Identificação para AH/SD, no qual encontram-se sugestões de protocolos e listas de verificações que fazem parte desta etapa inicial. Nesta obra, as autoras descrevem que o professor precisa conhecer a sua turma, oferecer diferentes propostas pedagógicas para observar reações peculiares dos estudantes, bem como considerar as ações dos sujeitos na perspectiva da sua trajetória e não de um momento escolar específico. Sugerem ainda a necessidade de avaliar a intensidade, frequência e consistência nas formas deste estudante demonstrar sua relação com os objetos do conhecimento.

As características levantadas como comuns às pessoas com AH/SD não devem ser pensadas enquanto uma lista que deve ser checada item a item, visto que este é um grupo heterogêneo, como cita Virgolim (2014, p. 109) “[...] que diferem entre si em relação aos seus interesses, estilos de aprendizagem, níveis de motivação e de autoconceito, características de personalidade e por suas necessidades educacionais, e devido a sua natureza multidimensional abarca muitas variáveis.” Essas variáveis são observáveis no cotidiano do professor em sala de aula com seus alunos, mas devido à complexidade das manifestações comportamentais e emocionais, bem como a falta de informação e olhar apurado para tais situações, alguns dos estudantes seguem na invisibilidade.

É importante o conhecimento a respeito destes estudos, tendo em vista que a literatura na qual as políticas públicas brasileiras se baseiam para a identificação deste público é a partir do conceito de Joseph Renzulli, com a Teoria dos três anéis, e as Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner.

Vale salientar que existe também diferença entre o tipo acadêmico ou escolar do produtivo-criativo, visto que na sala de aula são estudantes com comportamentos incomuns, quando comparados uns com os outros. Renzulli (2014) explicita que a superdotação acadêmica é aquela que é representada por vários níveis de desempenho escolar, este é o tipo mais facilmente identificado nas escolas ou ainda pelos testes de QI ou outros testes que mensurem habilidades cognitivas. Os alunos que apresentam comportamentos de AH/SD do tipo acadêmico são os que costumam ter notas elevadas na escola.

Em contrapartida, a superdotação produtivo-criativo segundo Renzulli (2014) está mais ligada à curiosidade, resolução de problemas e características do pensamento criativo, como originalidade, fluência e flexibilidade. O estudante com AH/SD do tipo produtivo-criativo é aquele que coloca suas habilidades a serviço da criatividade e em uma área de relevância pessoal. Destaca-se por ser mais imaginativo, questionador, original na resolução de problemas, essas e outras características relacionadas a esta tipologia podem, por vezes, ocasionar um baixo desempenho e motivação escolar.

A partir da definição das AH/SD do tipo acadêmico ou escolar e do produtivo-criativo é importante pensar que boa parte do currículo escolar, metodologia e avaliação priorizam aspectos da aprendizagem de cunho acadêmico, oferecendo pouco espaço para a criação, produção imaginativa e original. Também se percebe que áreas como esportes, liderança, artes, música e dança estão sempre em planos secundários e, muitas vezes, os estudantes que se destacam nestas propostas não são valorizados e incentivados a descobrir os seus talentos.

Por isso a importância de se investir em formação e formação continuada de professores, pois não basta apenas identificar o estudante com AH/SD, é preciso pensar a partir desta identificação quais apoios e propostas o currículo irá proporcionar visando essa e outras demandas da educação inclusiva no espaço escolar.

A legislação brasileira prevê o Atendimento Educacional Especializado e o Enriquecimento Curricular para estudantes com AH/SD, por esse motivo a próxima seção deste artigo irá descrever um pouco mais sobre este serviço, entendendo que os profissionais que atuam neste setor precisam estar em constante construção com o grupo de professores. A realidade brasileira é muito diversificada em termos de atendimento. Alguns estados e municípios oferecem atendimento na própria escola frequentada pelo aluno, outros ocorrem em escolas pólos ou núcleos de atendimento. Apesar das dificuldades, não importa o formato do atendimento, o que é fundamental é a comunicação e aproximação entre escola, família, estudante e profissionais envolvidos no caso.

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E ENRIQUECIMENTO CURRICULAR: GARANTIA DE DIREITOS PARA O PÚBLICO DAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Para além da identificação das AH/SD, está o atendimento desses sujeitos em suas peculiaridades. Muitos autores da área referem que as AH/SD somente se expressam em potencial superior se o sujeito for identificado, estimulado, acompanhado e orientado, como cita Pereira (2014). Ter a condição de AH/SD não é garantia de sucesso, seja na escola ou na vida, portanto o atendimento educacional especializado é de importância ímpar para esses alunos.

Segundo Pereira (2014, p. 378), “[...] em se tratando de diferentes expressões de superdotação, diferentes estratégias deverão ser consideradas pelos profissionais que quiserem oferecer uma proposta educacional verdadeiramente inclusiva.” Assim, muitas são as possibilidades de atender esses alunos em suas peculiaridades. Costa (2018) coloca como possibilidade a adequação, complementação e/ou suplementação curricular, a aceleração e compactação curricular, o enriquecimento curricular, que pode ser intracurricular ou extracurricular. Destaca-se aqui o Atendimento Educacional Especializado, que é garantido por lei e uma das formas mais comuns de suprir as especificidades desse público-alvo mais usuais no Brasil, juntamente com a aceleração.

Assegurado na legislação brasileira (LDB 9.394/96), a aceleração, segundo Costa (2018) é a possibilidade de o aluno avançar de ano, oportunizando sua conclusão das etapas de escolarização em menor tempo, respeitando seu ritmo de aprendizagem. Existem diversos tipos de aceleração e ressalta-se a importância de que seja feita a partir de uma avaliação bem estruturada, respeitando as peculiaridades do estudante.

Em relação ao Enriquecimento Curricular são levantadas inicialmente as duas possibilidades existentes nessa ferramenta, o enriquecimento extracurricular e o enriquecimento intracurricular. Segundo Costa (2018) o enriquecimento intracurricular é uma possibilidade para ser utilizada em sala de aula e outros espaços escolares e abrange a flexibilização nas formas de ensinar e avaliar o aluno, respeitando suas condições de aprendizagem, conhecer o estudante e proporcionar atividades de enriquecimento personalizada, que pode ocorrer por exemplo através de projetos individuais ou monitorias.

O enriquecimento extracurricular, segundo Costa (2018), pode ser desenvolvido pelos profissionais atuantes no Atendimento Educacional Especializado, sendo uma importante ferramenta de articulação entre o professor de sala de aula regular e o professor que atua no AEE. Alguns objetivos do AEE para estudantes AH/SD são destacados por Pereira (2014):

[m]aximizar a participação do aluno na classe comum do ensino regular, beneficiando-se da interação no contexto escolar; potencializar a(s) habilidade(s) demonstrada(s) pelo aluno, por meio do enriquecimento curricular previsto no plano de atendimento individual; expandir o acesso do aluno a recursos de tecnologia, materiais pedagógicos e bibliográficos de sua área de interesse; promover a participação do aluno em atividades voltadas à prática da pesquisa e desenvolvimento de produtos; estimular a proposição e o desenvolvimento de projetos de trabalho no âmbito da escola, com temáticas diversificadas, como esporte, ciência etc (PEREIRA, 2014, p. 383).

Todos esses objetivos serão desenvolvidos no Atendimento Educacional Especializado a partir da avaliação dos profissionais que atuam neste espaço, bem como o planejamento do Enriquecimento Curricular Individualizado, que está previsto na legislação, sempre levando em consideração que a Inclusão escolar dos alunos perpassa por toda a escola. Renzulli contribui neste entendimento, a partir da apresentação do “Modelo Triádico de Enriquecimento”. Descrito com o objetivo de oportunizar diferentes recursos, propostas e encorajar produções criativas, relevantes para os estudantes e para a sociedade.

O Modelo Triádico de Enriquecimento (RENZULLI; REIS, 1985) ocorre a partir de três fases. A primeira, denominada de Tipo 1, é a qual contém as propostas que devem favorecer o contato dos estudantes com ampla diversidade de assuntos que sejam de seu interesse e despertem sua curiosidade, mas que não estejam contempladas nos currículos escolares. O Tipo II tem como objetivo o “como fazer”, promovendo a produção e a elaboração a partir de diferentes formas de registro e experiências a partir de metodologias inclinadas ao objetivo final, encorajando a aplicabilidade do conhecimento adquirido. E, por fim, tem-se o Tipo III, que são as propostas de elaboração e produção artística, quase profissional, em que os estudantes assumem o papel de protagonistas, pensando, sentindo e agindo como profissionais das áreas do conhecimento na qual houve a pesquisa e o trabalho nos níveis anteriores. Essas atividades podem ser realizadas em grupos ou individualmente, e os Tipos I, II e III podem se interligar, gerando outras investigações e projetos para seguirem mobilizando os estudantes em busca de conhecimento e aperfeiçoando as práticas metodológicas e científicas.

O enriquecimento pode ocorrer de forma extracurricular, ou seja, fora dos objetivos e conteúdos estabelecidos para o ano série do estudante, podendo ser realizado no Atendimento Educacional Especializado ou em instituições parceiras. Ou como enriquecimento intracurricular, quando ocorre dentro do currículo a partir dos objetivos e conteúdos do ano/série do estudante, e pode ser planejado de forma coletiva e interdisciplinar. Nesta perspectiva, os projetos dentro e fora da escola, monitorias, parcerias com as faculdades e centros universitários, são possíveis formas de enriquecer as experiências escolares.

A sensibilização do professor perante os estudantes com AH/SD perpassa todas essas etapas descritas até o momento, pois é a partir das primeiras observações das características de identificação que pode-se chegar ao enriquecimento curricular, no qual a ação pedagógica do professor de sala de aula fará toda a diferença no desenvolvimento do potencial, conforme a área de destaque do estudante. Destaca-se, nesse sentido, o trabalho do ensino colaborativo entre

professor que atua no AEE e o professor de sala de aula regular, pois juntos constroem as adaptações necessárias, o enriquecimento extracurricular e as metodologias mais adequadas para os estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente texto foram apresentados conceitos importantes sobre as AH/SD, que se priorizados na formação e capacitação de professores, aumentariam muito o número de estudantes identificados e encaminhados para atendimento, visto que os índices brasileiros estão muito distantes da realidade sugerida pelas pesquisas na área da inclusão.

O texto caminhou teoricamente desde a escolha da nomenclatura utilizada pelas autoras, que como foi visto, não é a única possibilidade existente, mas uma escolha baseada em referenciais como Joseph Renzulli, sua teoria dos Três Anéis e a visão de diferentes perfis de pessoas com AH/SD, com tendência acadêmica e outros mais produtivo-criativos. Também utilizou-se o conceito das Inteligências Múltiplas proposto por Gardner.

Foram citados alguns mitos recorrentes com relação aos estudantes com AH/SD e que precisam ser revistos, dando lugar ao olhar mais específico que busca conhecer as características das AH/SD. Partindo desses indicadores, foi proposta a ideia da investigação, que pode ocorrer no espaço da Sala de Recursos ou em outros espaços com profissionais qualificados, e que possam ser encaminhados ao atendimento. Neste artigo também foram descritos os objetivos e funcionamento do Atendimento Educacional Especializado e do Enriquecimento Curricular previsto na legislação brasileira.

A partir das ideias levantadas, reitera-se a importância do investimento nas formações de professores dentro de seus ambientes de trabalho. Somente a partir dessa sensibilização para o tema será possível que o professor, em sala de aula, refine seu olhar a fim de observar e indicar o aluno para o processo avaliativo em AH/SD. Assim como, a partir desse processo avaliativo, o encaminhamento do aluno para os atendimentos que lhe estão garantidos por lei.

Como trazem Farias e Wechsler (2014), é necessário ressaltar a importância de clarificar esse fenômeno na população envolvida no processo de identificação e desenvolvimento, em especial, os professores. É por meio de discussões e sensibilizações, que devem acontecer através de diversas estratégias multidisciplinares, que poderá se possibilitar a utilização de instrumentos que estão disponíveis para levantamento de indicadores de AH/SD.

Mediante essas diversas ações será possível afastar os mitos que permeiam o assunto e efetivamente dar visibilidade aos sujeitos com AH/SD, podendo assim atendê-los em suas especificidades, como garante a legislação brasileira para a inclusão, entendendo que esta é uma caminhada necessária e urgente para milhares de crianças e adolescentes no país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro; OLIVEIRA, Ema; SILVA, Manuela; OLIVEIRA, Cristiano. **O papel dos professores na identificação de crianças sobredotadas:** Impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação. ANEIS – Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação. Vol. 1, nº 1 e 2, 2000. DOI: Disponível em https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/10480/1/2002_O%20Papel%20dos%20Professores%20na%20Identifica%C3%A7%C3%A3o%20de%20Crian%C3%A7as%20Sobredotadas_Constru%C3%A7%C3%A3o%20e%20

valida%C3%A7%C3%A3o%20de%20uma%20escala%20de%20despiste.pdf Acesso em: 01 de julho 2021. 163-179.

BRANCHER, Vantoir; FREITAS, Soraia. **Altas habilidades/Superdotação: Conversas e Ensaio Acadêmicos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. 212 p.

BRASIL. **Saberes e práticas: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação**. 2. ed. Brasília, 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashabilidades.pdf> Acesso em 20 abril 2022.

FLEITH, Denise de Souza. **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 3: o aluno e a família** / Organização: Denise de Souza Fleith. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 73 p.: il.

BRASIL. **Lei 12.796 de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, 2013.

BRASIL. NOTA TÉCNICA nº 04 / 2014 / MEC / SECADI / DPEE. **Orientação quanto a documentos comprobatórios de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no Censo Escolar**. Brasília, 2014.

COSTA, L. C. **Alternativas de atendimento e estratégias de apoio para os alunos com Altas habilidades/superdotação: relações entre o ensino comum e o Atendimento Educacional Especializado**. In: PAVÃO, A. C. O., PAVÃO, S.M.O., NEGRINI, T. Atendimento Educacional Especializado para as Altas habilidades/Superdotação. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018. p. 125-156. Disponível em <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/18762> Acesso em 10 set. 2022.

FARIAS, E. S. WECHSLER, S. M. **Desafios na identificação de alunos intelectualmente dotados**. In: VIRGOLIM, A. M. R; KONKIEWITZ, E. C. (Org.). **Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade: uma visão multidisciplinar**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2014. p. 335-350.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995. 365p.

HAKIN, Claudia. **Superdotação e dupla excepcionalidade: contribuições da neurociência, psicologia, pedagogia e direito aplicado ao tema**. Curitiba: Juruá, 2016. 120 p.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Sinopse **Estatística da Educação Básica de 2018**. Brasília: INEP, 2019. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>> Acesso em: 06 fev. 2021.

PEREIRA, Vera. **Superdotação e currículo escolar: Potenciais superiores e seus desafios da perspectiva da educação inclusiva**. In: VIRGOLIM, Angela.; KONKIEWITZ, Elisabete. **Altas habilidades/Superdotação, inteligência e criatividade: uma visão multidisciplinar**. Campinas: Papirus, 2014. p. 373-388.

PÉREZ, Susana.; FREITAS, Soraia. **Manual de identificação das altashabilidades/superdotação**. Guarapuava: Apprehendere, 2016. 63p.

PORTO ALEGRE. **Alunos com altas habilidades e superdotação deverão ter atendimento inclusivo**. Disponível em: <<https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/alunos-com-altas-habilidades-e-superdotacao-deverao-ter-atendimento-inclusivo>> Acesso em: 20 jan. 2021.

RENZULLI, Joseph.; REIS, S. **The Schoolwide Enrichment Model. Mansfield Center**, Ct: Creative Learning Press, 1985. p. 323 - 352. Disponível em: https://gifted.uconn.edu/wp-content/uploads/sites/961/2015/01/Systems_and_Models-ReisRenzulli.pdf Acesso em : 10 maio 2022.

RENZULLI, J. S. A concepção de superdotação no modelo dos três anéis: um modelo de desenvolvimento para a promoção da produtividade criativa. *In: VIRGOLIM, A.; KONKIEWITZ, E. Altas Habilidades/Superdotação, inteligência e criatividade: uma visão multidisciplinar.* Campinas: Papyrus, 2014. p. 219-264.

VIRGOLIM, Angela Magda Rodrigues. **As vulnerabilidades das altas habilidades e superdotação: questões sociocognitivas e afetivas.** Educar em revista. Curitiba, v.37, 2021.

VIRGOLIM, Ângela (Org) **Altas habilidades/Superdotação: encorajando potenciais.** Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. p.70.

SAMPIERI, Roberto; COLLADO, Carlos; LÚCIO, María. **Metodologia de pesquisa.** 5ª edição. Porto Alegre: Editora Penso; 2013. 624 p.

WINNER, Ellen. **Crianças superdotadas: mitos e realidade.** Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed, 1998. 294 p.